

O BRASIL LEVADO A SÉRIO

Ligia Cademartori Magalhães
Universidade de Caxias do Sul

Para o Mário e a Tina

As avaliações da obra de Monteiro Lobato, intensificadas pelas comemorações do centenário de seu nascimento, provocam, indiretamente, a consideração de aspectos históricos da literatura brasileira. Até que ponto se pode dimensionar a obra do criador do Sítio do Picapau Amarelo sem levar em conta sua interação com o grupo social a que se dirigia, sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público? O sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história.

A influência da cultura portuguesa no Brasil não se restringiu à época colonial; transcendeu o período de dominação política, expandindo-se concomitantemente à influência de outras culturas, como a francesa e a inglesa. Desse modo, processa-se em nossa formação histórica uma confluência cultural em que ao nativo se acrescentam surtos de pensamento estrangeiro. Não se trata, porém, de uma união. Sendo privilegiado o europeu, o âmbito do nativo, configurado através da mitologia e da tradição indígena, assim como pelas múltiplas contribuições da cultura africana, ficou circunscrito à veiculação agráfica. Além disso, passou a caracterizar o código de um corpo social situado aquém do processo de aculturação manipulado pelo homem branco. A cultura do colonizador procurava, assim, destruir, pela segregação, as manifestações culturais da terra; essa só poderia integrar-se e vencer a situação de inferioridade na medida em que ascendesse aos padrões culturais dos colonizadores. Se, dessa maneira, o dominador não conseguiu erradicar totalmente a cultura nativa pela submissão aos padrões europeus, marginalizou-a pela minimização ou pelo desconhecimento.

Assim, desenvolveram-se, paralelamente, dois tipos de cultura no Brasil: uma européia, elitista, livresca; outra, nativa,

popular, agráfica. Nessa medida, educar passou a significar a restrição e o deslocamento do nacional em favor da imposição cultural estrangeira. O intelectual, entre nós, passou a ter a função de importador de cultura(1), sem questionamento ideológico, acolhia as soluções pré-fabricadas no estrangeiro. Manejava a língua, explorando-a como instrumento persuasivo e recurso ornamental, mas não manipulava as idéias que recebia; em relação a estas, seu papel era, apenas, o de um divulgador.

Em sua origem, a *intelligentsia* brasileira caracteriza-se por afastar-se do peculiarmente brasileiro, sendo essa a condição fundamental que assegurava sua legitimação social e autorizava seu domínio sobre o saber. Quando nosso intelectual voltava-se para sua própria terra era atraído pelo seu lado pitoresco; assumia, assim, comportamento similar ao do turista que fotografa entusiasmado os traços superficiais de uma cultura que torna-se sedutora na mesma proporção em que é desconhecida. O escritor brasileiro, formado pelo pensamento europeu, via seu país de fora, sua terra lhe era tão estranha quanto aos professores estrangeiros que, no século passado, difundiam nas grandes fazendas de café, nas casas-grandes do Nordeste e em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, a cultura européia que se constituía na ilustração dos cidadãos brasileiros(2). O indianismo romântico atesta o distanciamento entre o escritor brasileiro e os elementos nativos. Quando, por imposição de uma tendência estética de época, o escritor romântico foi em busca da cor local, só pôde manejá-la como elemento decorativo e exótico. Nosso indianismo não foi muito além de palavras pinçadas no léxico indígena, usadas como ornamentos de linguagem que indicavam uma cultura remota e misteriosa para o próprio autor.

Beletrista, cultivador de excentricidades vocabulares e da sintaxe arrevezada, o escritor brasileiro esteve, por muito tempo, afastado do povo em linguagem e em idéias. Desligado das bases político-econômicas do país, exibida acriticamente o verbo fluente e emotivo. Sendo esta consideração generalizadora como qualquer perfil, cabe destacar escritores singulares dentro do processo de formação da literatura brasileira, autores que não desconheciam seu momento histórico e manifestavam, em suas obras, reação a ele(3). Entre estes, merece destaque a postura crítica assumida por Gregório de Matos através da sátira(4); a do autor anônimo de *Cartas Chilenas*, apontados por alguns como sendo Tomás Antonio Gonzaga, enquanto para outros trata-se de obra de Cláudio Manoel da Costa; a visão conflitiva de nosso contexto social apresentada por Sousândrade; a contundência de Qorpo Santo.

O registro das peculiaridades locais está presente em grande parte de nossa produção literária. Porém, a identificação do escritor com seu meio, através da sensibilidade e da inteligência, é caso pouco comum em nossas letras, até determinado estágio, e, por isso, particulariza e dimensiona a produção intelectual de Monteiro Lobato no contexto da literatura brasileira. Observa Lúcia Miguel-Pereira que nossa literatura manifesta uma divisão entre a sedução intelectual estrangeira e o anseio de se nutrir de cultura popular(5), dualidade que existiria na base dos vários surtos regionalistas da literatura brasileira. Monteiro Lobato soluciona essa repartição conciliando o que é nosso e as inevitáveis e necessárias contribuições da cultura estrangeira. Volta-se para o Brasil sem a situação paradoxal de brasileiro que descobre o exótico dentro de seu próprio país. Em lugar da postura entusiasmada frente aos traços de brasilidade, o que caracterizou a obra de tantos "nacionalistas", encontra-se, em Lobato, ao lado da identificação de nossos peculiaridades, inquietude perante a situação nacional nos seus diferentes âmbitos. Afrânio Coutinho localiza, no panorama mundial, as causas do novo rumo literário que, a partir de Monteiro Lobato, se pode observar:

A grande guerra de 1914 obrigara o país a voltar-se para si mesmo, numa inquieta tentativa de análise e afirmação, de que são exemplos a Liga Nacionalista, a campanha pelo saneamento, o serviço militar obrigatório e, na literatura propriamente dita, a procura de temas e cenários regionais. A fundação da *Revista do Brasil*, em 1916, com um programa nacionalista, possibilistário, dentro em breve, o aparecimento de alguns espíritos novos e o debate de problemas essenciais ao conhecimento e progresso do país. Tornaria possível, principalmente, a estréia de Monteiro Lobato, que, a partir do terceiro número, começa a nela publicar os contos que irão constituir *Urupês*. (6)

Com essa primeira ficção de Lobato, *Urupês*, o nacional deixa de ser pitoresco para ganhar tipificação humana em Jeca Tatu, personagem polêmica, causadora de inumeráveis discussões, na medida em que contrapunha ao ufanismo da paisagem exuberante na qual se havia enxertado o indígena belo e cavaliresco, a subnutrição de um tipo que, de côcoras, não espera nem produzir nada em sua vida vegetativa. Jeca Tatu passa a personificar a estagnação, o marasmo, a precariedade da vida nacional; a aceitação passiva das arbitrariedades do poder; o comodismo que prefere tudo perder antes de esforçar-se em uma tomada de posição.

Essa tipificação não correspondia às expectativas do público quanto à função do escritor numa época em que a literatura era entendida como "sorriso da sociedade"(7). Assumindo

a responsabilidade da denúncia, formulando uma audaciosa advertência, Monteiro Lobato estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais, de modo que **Urupês** não se limita ao sucesso literário, mas provoca reações políticas e levanta questões sociológicas. A desigualdade social, a indigência física, sensível e racional do homem do campo são enfatizadas com o intuito de conduzir à reflexão sobre as causas de nosso subdesenvolvimento e induzir os modos pelos quais poderíamos saná-lo.

Dessa natureza é o nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os problemas da sociedade brasileira. Sua insatisfação não se restringiu à denúncia literária, pois, conforme atestam seus biógrafos, fundou empresas que pudessem dar prosperidade ao país através da exploração do ferro e do petróleo. Além, disso, moveu cruzadas para sensibilizar as autoridades e voltá-las para as questões que, acreditava, poderiam trazer, com a riqueza material, a verdadeira emancipação do país. Essa atividade empresarial e política dimensiona o perfil desse intelectual que não cindia a reflexão de gabinete e a ação direta na sociedade.

Bem distante do patriotismo "ama, criança, a terra em que nasceste", deformado pela pieguice que impede o confronto com a realidade, Monteiro Lobato escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional. No bom-mocismo acomodado nas salas de visita literárias, irrompe a figura inquietante de um escritor que não aceitava a ingestão passiva das modas européias por detestar a imitação, que questionava os modelos do sistema e tinha outros para propor, alguém que queria puxar fila e não segui-la. Monteiro Lobato é a nossa vanguarda, antes dessa palavra ganhar as conotações que a marcaram a partir de 22. Vanguarda que não seguia nenhum programa já estabelecido, caracterizando-se pelo risco da inovação, da aventura da descoberta pessoal.

O revolucionário na obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões pré-fixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida. O esforço de compreensão crítica do passado permite, em suas histórias, um redimensionamento do presente que, por sua vez, torna possível a prospecção. A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com a recepção. A convicção a respeito da importância da literatura no processo

social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional.

Hans Robert Jauss postula que o leitor é uma força histórica e criadora e que uma obra pode ser apreciada a partir do papel ativo que ela possibilite a seu destinatário⁽⁸⁾. É através do leitor que a obra se incorpora ao horizonte de expectativas de um dado grupo, constituindo-se em agente de mudanças. Nesse sentido, seria possível examinar a obra de Lobato considerando a produção e a recepção de textos literários anteriores e contrapondo a eles as perguntas que a obra do autor paulista suscita, assim como as respostas que fornece, modificando, desse modo, as expectativas de seu leitor. Tal investigação revelaria o caráter emancipatório de sua obra, ou seja, a função desempenhada pelo universo ficcional lobatiano na formação de grupos sociais, através da capacidade da obra de mudar o limite de apreensão do mundo de seu destinatário⁽⁹⁾.

A leitura dos textos de Lobato possibilitam uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo em que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abrirão caminho a experiências futuras. Fugindo a todo moralismo que costuma acompanhar muito de perto a produção do livro infantil, sua obra incentiva a investigação e o debate sobre questões que o consenso e os valores estabelecidos já haviam dado resposta. É nessa proporção que a obra extrapola as expectativas de seus leitores, caracterizando-se pela ruptura com a moral oficial, com os preceitos religiosos e com as normas estatais.

Por essas razões, a obra literária de Monteiro Lobato está a exigir um estudo do papel que desempenhou na vida brasileira através da influência exercida nas gerações que conviveram com seus livros. Rompendo com os estereótipos consagrados, questionando a aceitação do vigente, sua obra permite a relativização do lugar ideológico em que o leitor se situa. Desse modo, faculta a emergência de uma consciência crítica dificilmente atingida por leitores que não convivem com pontos de vista provenientes de uma direção distinta, quer dizer, não condicionada pelos mesmos limites da situação social em que o destinatário vive.

NOTAS

- (1) V. a propósito da formação do intelectual brasileiro LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- (2) V. a respeito da atuação pedagógica de professores estrangeiros no Brasil, no século passado, ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1968, p. 119.
- (3) V. a respeito do comprometimento de autores brasileiros com o contexto social de sua época LEITE, Sebastião Uchoa. *Participação da palavra poética*. Petrópolis, Vozes, 1966.
- (4) Deixamos de considerar aqui, por escapar ao objetivo do artigo, a ambigüidade da posição de Gregório de Matos, mal situado entre o reinol e o brasileiro, fato que impregna suas sátiras de situações e interesses muito pessoais.
- (5) Cf. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira. Prosa de ficção de 1870 a 1920*, 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora — Mec. 1973, p. 187.
- (6) COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana S.A., 1969. Volume III, p. 276.
- (7) V. a respeito da repercussão de *Urupês* CAVALHEIRO, Edgard. Vida e obra de Monteiro Lobato. In: MONTEIRO LOBATO. *Urupês*, São Paulo, Brasiliense, 1966.
- (8) A respeito da importância da recepção no processo de comunicação literária v. JAUSS, Hans Robert. *La literatura como provocación*. Barcelona, Peninsula, 1976.
- (9) V. a respeito do papel do leitor como força criadora ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
———. *La fiction en effet*. In: *Poétique* 39. Paris, Seuil, 1979.
———. *The implied reader*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1979.